

revista do
programa de
pós-graduação em
arquitetura e
urbanismo da
fauusp

junho – 2013
ISSN: 1518-9554

pós-

33





PÓS V. 20, N. 33
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARQUITETURA e URBANISMO DA FAUUSP

MISSÃO

A revista *Pós* é um periódico científico semestral do Programa de Pós-Graduação da FAUUSP, cujo objetivo é publicar os resultados das pesquisas, com a divulgação de artigos inéditos, revisados sigilosamente por pares, contribuindo, assim, para a comunicação ampla entre essa comunidade científica, bem como entre os pesquisadores das diversas áreas acadêmicas que se relacionam com o universo da arquitetura e da cidade, de modo a fomentar o avanço do conhecimento no campo da arquitetura e do urbanismo

JUNHO 2013

ISSN 1518-9554

Ficha Catalográfica

720
P84

PÓS – Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP/Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Comissão de Pós-Graduação – São Paulo: FAUUSP, v. 1 (1990-)

Semestral

v. 20, n. 33, jun. 2013

Issn: 1518-9554

1. Arquitetura - Periódicos I. Universidade de São Paulo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Comissão de Pós-graduação. III. Título

Serviço de Biblioteca e Informação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

PÓS v. 20, n. 33

Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP (mestrado e doutorado)

Rua Maranhão, 88 – Higienópolis – 01240-000 – São Paulo - SP

Tel. (55 11) 3017-3164

rvposfau@usp.br

linarvpos@gmail.com

Home page

www.revistas.usp.br/posfau

Associada

Asociación de Revistas Latinoamericanas de Arquitectura (ARLA)

www.arlared.org

Indexação

Índice de arquitetura brasileira

Qualis B1 – Capes

Apoio



CREDENCIAMENTO E APOIO FINANCEIRO DO:
PROGRAMA DE APOIO ÀS PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS PERIÓDICAS DA USP
COMISSÃO DE CREDENCIAMENTO

PÓS v. 20, n. 33

Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP

junho 2013

ISSN: 1518-9554 (impressa)

ISSN: 2317-2762 (online)

Universidade de São Paulo

Reitor Prof. Dr. João Grandino Rodas

Vice-Reitor Prof. Dr. Hélio Nogueira da Cruz

Pró-Reitor de Pós-Graduação Prof. Dr. Vahan

Agopyan

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Diretor Prof. Dr. Marcelo de Andrade Roméro

Vice-Diretora Profa. Dra. Maria Cristina da Silva Leme

Comissão Editorial

Profa. Dra. Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins

Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Prof. Dr. Vladimir Bartalini

Vice-Presidente da Comissão de Pós-Graduação

Coordenadores das Áreas de Concentração

Profa. Dra. Cibele Haddad Tarali

(Design e Arquitetura)

Profa. Dra. Maria de Lourdes Zuquim

(Planejamento Urbano Regional)

Prof. Dr. Francisco Spadoni

(Projeto de Arquitetura)

Prof. Dr. Agnaldo Farias

(Projeto, Espaço e Cultura)

Profa. Dra. Marta Dora Grostein

(História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo)

Prof. Dr. Reginaldo Ronconi

(Tecnologia da Arquitetura)

Prof. Dr. Vladimir Bartalini

(Paisagem e Ambiente)

Profa. Dra. Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins

(Hábitat)

Editores

Profa. Dra. Mônica Junqueira de Camargo – Editora-chefe

Profa. Dra. Denise Duarte (gestão jan. 2005 a jun. 2008)

Profa. Dra. Vera Pallamin (gestão jan. 2001 a dez. 2004)

Conselho Editorial

Profa. Dra. Mônica Junqueira de Camargo

Editora-chefe – Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Adrián Gorelik

Universidade Nacional de Quilmes – Argentina

Prof. Dr. Antônio Baptista Coelho

Laboratório Nacional de Engenharia Civil, LNEC –

Lisboa – Portugal

Prof. Dr. Dario Gamboni

Departamento de História da Arte – Universidade de

Genebra – Suíça

Prof. Dr. Henrique Pessoa

Politécnico de Milão – Itália

Prof. Dr. João Gualberto de Azevedo Baring

Universidade de São Paulo – USP

Prof. Dr. Luis Marques

Universidade Estadual de Campinas – Unicamp

Profa. Dra. Manuela Raposo Magalhães

Instituto Superior de Agronomia – ISA – Portugal

Prof. Dr. Miguel Buzzar

Escola de Engenharia de São Carlos – EESC-USP

Prof. Dr. Roberto Zancan

University of Québec in Montréal – UQAM – Canadá

Prof. Dr. Massimo Canevacci

Università di La Sapienza – Roma – Itália

Doreen Massey

Open University – Inglaterra

Mark Gottdiener

University of California – EUA

Redação

Jornalista responsável – Izolina Rosa – MTb 16199

Calendário de Teses e Dissertações – Diná Vasconcellos

Projeto gráfico e imagens de abertura – Rodrigo Sommer

Revisão

Bibliográfica – Dina Elisabete Uliana

Português – Márcia Regina Choueri (Palavra e Imagem Comercial Ltda.)

Espanhol – Márcia Regina Choueri (Palavra e Imagem Comercial Ltda.)

Inglês – Rainer Hartmann (Kilter Comercial e

Comunicação Ltda – EPP)

SUMÁRIO

I APRESENTAÇÃO

- 006 PRODUÇÃO CIENTÍFICA: QUANDO A PONTUAÇÃO ERA UM MÉRITO E NÃO UMA CAUSA
Mônica Junqueira de Camargo

2 DEPOIMENTOS

- 012 PARQUE PINHEIRINHO D'ÁGUA; A LUTA POR RECONHECIMENTO E VISIBILIDADE
Caio Boucinhas, Catharina Pinheiro C. S. Lima

3 ARTIGOS

- 036 NATUREZA, PAISAGEM E CIDADE
NATURALEZA, PAISAJE Y CIUDAD
NATURE, LANDSCAPE, AND THE CITY
Vladimir Bartalini
- 050 PAISAGENS EM TRANSFORMAÇÃO: CULTURAS TRANSFORMADAS
PAISAJES EN TRANSFORMACIÓN: CULTURAS TRANSFORMADAS
LANDSCAPES IN TRANSFORMATION: TRANSFORMED CULTURES
Luiz Eduardo de Oliveira, Emmanuel Antonio dos Santos, Mário Valério Filho
- 064 PERIFERIA COMO QUESTÃO: SÃO PAULO NA DÉCADA DE 1970
PERIFERIA EN TELA: SÃO PAULO EN LA DÉCADA DE 1970
URBAN PERIPHERY AS A SUBJECT: SÃO PAULO DURING THE 1970S
Ana Cláudia Castilho Barone
- 086 CONTRIBUIÇÕES DE ANHAIA MELLO AO URBANISMO PAULISTANO: DE EBENEZER HOWARD À ESCOLA DE CHICAGO
CONTRIBUCIONES DE ANHAIA MELLO AL URBANISMO PAULISTANO: DE EBENEZER HOWARD A LA ESCUELA DE CHICAGO
ANHAIA MELLO'S CONTRIBUTIONS TO URBANISM OF THE CITY OF SÃO PAULO: FROM EBENEZER HOWARD TO THE CHICAGO SCHOOL
Rodrigo Alberto Toledo
- 104 THE BIG "MITTE-STRUGGLE" POLITICS AND AESTHETICS OF BERLIN'S POST-REUNIFICATION URBANISM PROJECTS
O GRANDE "CONFLITO DO CENTRO" POLÍTICA E ESTÉTICA DOS PROJETOS DE URBANISMO DE PÓS-REUNIFICAÇÃO EM BERLIM
LA GRAN "LUCHA-MITTE" POLÍTICA Y ESTÉTICA DE LOS PROYECTOS URBANÍSTICOS POSREUNIFICACIÓN EN BERLÍN
Martin Gegner
- 126 SOBRE A RELAÇÃO TURISMO E URBANIZAÇÃO
SOBRE LA RELACIÓN ENTRE TURISMO Y URBANIZACIÓN
REGARDING THE TOURISM AND URBANIZATION RELATIONSHIP?
Ricardo Alexandre Paiva
- 146 DE AGENCIAMENTOS PROGRAMÁTICOS OUTROS NA METRÓPOLE: UMA ABORDAGEM "MAQUÍNICA" DOS PROCESSOS DE RETERRITORIALIZAÇÃO URBANA
DE AGENCIAMIENTOS PROGRAMÁTICOS OTROS EN LA METRÓPOLI: UN ABORDAJE "MAQUÍNICO" DE LOS PROCESOS DE LA RETERRITORIALIZACIÓN URBANA
OTHER PROGRAMMATIC AGENCIES IN THE METROPOLIS: A MACHINIC APPROACH TO URBAN RETERRITORIALIZATION PROCESSES
Igor Guatelli
- 160 DIAGRAMA, ARQUITETURA E AUTONOMIA
DIAGRAMA, ARQUITECTURA Y AUTONOMÍA
DIAGRAM, ARCHITECTURE, AND AUTONOMY
Luiz Américo de Souza Munari, Gabriela Izar
- 182 ARQUITETURA ECLÉTICA EM ESPÍRITO SANTO DO PINHAL-SP: O CASARÃO ALMEIDA VERGUEIRO
ARQUITECTURA ECLÉCTICA EN ESPÍRITO SANTO DO PINHAL - SP: LA RESIDENCIA ALMEIDA VERGUEIRO
ECLÉCTIC ARCHITECTURE IN ESPÍRITO SANTO DO PINHAL, SP: THE ALMEIDA VERGUEIRO HOUSE
Camila Corsi Ferreira

200 LONGE DO "35 RUE DE SÈVRES": EXPERIÊNCIAS PARALELAS DOS COLABORADORES COLOMBIANOS DE LE CORBUSIER EM PARIS
LEJOS DEL "35 RUE DE SÈVRES": EXPERIENCIAS PARALELAS DE LOS COLABORADORES COLOMBIANOS DE LE CORBUSIER EN PARIS
AWAY FROM "35 RUE DE SÈVRES:" PARALLEL EXPERIENCES OF LE CORBUSIER'S COLOMBIAN COLLABORATORS IN PARIS
Ingrid Quintana Guerrero

216 A PEDAGOGIA ESTÉTICA E AS REPRESENTAÇÕES DE AMBIÊNCIA: OS PERIÓDICOS DE ARQUITETURA NO FINAL DO SÉCULO 20 NO BRASIL
LA PEDAGOGÍA ESTÉTICA Y LAS REPRESENTACIONES DE AMBIENTES: LAS REVISTAS DE ARQUITECTURA A FINES DEL SIGLO 20 EN BRASIL
THE PEDAGOGY AND AESTHETIC REPRESENTATIONS OF AMBIENCE: ARCHITECTURE MAGAZINES IN THE LATE 20TH CENTURY IN BRAZIL
Rafael Alves Pinto Junior

228 INDUSTRIALIZAÇÃO DAS CONSTRUÇÕES: REVISÃO E ATUALIZAÇÃO DE CONCEITOS
INDUSTRIALIZACIÓN DE LAS CONSTRUCCIONES: REVISIÓN Y ACTUALIZACIÓN DE LOS CONCEPTOS
INDUSTRIALIZATION OF CONSTRUCTION: REVIEW AND UPDATE OF CONCEPTS
Márcio Minto Fabricio

4 CONFERÊNCIAS NA FAUUSP

250 SEMINÁRIO DESAFIOS DA PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS: MÉTODO, RECEPÇÃO, INTERVENÇÕES
Beatriz Mugayar Kühl, Gérard Monnier, Simona Salvo, Hugo Segawa, Claudia S. Rodrigues de Carvalho

5 EVENTOS

324 IV CINCCI – COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE COMÉRCIO E CIDADE: UMA RELAÇÃO DE ORIGEM
Heliana Comin Vargas

328 BEYOND RESILIENCE: ACTIONS FOR A JUST METROPOLIS CONFERÊNCIA DA PLANNERS NETWORK DE 2013
Ermínia Maricato, Eduardo A. C. Nobre

6 RESENHAS

336 ARQUITECTURA VERNACULAR E O BRILHO DO MODERNISMO IMPURO
Joana Cunha Leal

340 "FIAT LUX".
Mário Henrique Simão D'Agostino

342 UMA PERSPECTIVA PRÁTICA PARA LIDAR COM A EFICIÊNCIA ENERGÉTICA EM EDIFICAÇÕES NO PAÍS
Eleonora Sad de Assis

345 UM OLHAR ABRANGENTE SOBRE A PAISAGEM URBANA E O PAISAGISMO BRASILEIRO NA CONTEMPORANEIDADE
Eugenio Fernandes Queiroga

7 COMUNICADOS

350 TESES E DISSERTAÇÕES

354 NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

356 NORMAS PARA PRESENTACIÓN DE TRABAJOS

358 RULES FOR SUBMITTING PAPERS

PEQUENAS INTERVENÇÕES PARA GRANDES MONUMENTOS: A ESCOLA DE MATEMÁTICA DE GIO PONTI NA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE ROMA, 1935-2013

Simona Salvo

Tradução: Beatriz Mugayar Kühl

AS QUESTÕES HISTÓRICO-CRÍTICAS

Reconhecida, por historiadores e arquitetos, como uma das obras mais belas e importantes de Gio Ponti e da primeira metade do século 20 na Itália, a Escola de Matemática da Cidade Universitária de Roma está entre as obras menos estudadas do arquiteto¹.

Esse dado reflete a dificuldade histórico-crítica já presente na busca de um “lugar” para a figura de arquiteto e homem de cultura como a que Ponti certamente teve. Se, com efeito, uma parte da produção do arquiteto recebeu facilmente reconhecimento – basta pensar nas obras de desenho industrial –, muitas de suas principais obras de Arquitetura são, por outro lado, ignoradas, e apenas recentemente foram objeto de atenção, também como consequência de obras de restauro – como é possível ver pelo surpreendente sucesso obtido com o restauro do arranha-céu Pirelli, em Milão, que, entre muitas formidáveis consequências, resultou também numa releitura mais aprofundada da produção arquitetônica de Ponti, dos anos 1960². Com efeito, a produção arquitetônica de Ponti, antes da construção do primeiro edifício Montecatini em Milão, é pouco estudada. Os anos 1920 e 1930 representam, ademais, um período histórico para nada historicamente “resolvido”, passível de revisões e de releituras, esperando que sejam iniciadas as pesquisas arquivísticas, indagações diretas das obras e restaurações que permitam obter novas aquisições críticas. Nesse processo, a figura e a obra de Gio Ponti estão, hoje, ganhando um novo relevo, diverso daquele, muito redutor, do desenho industrial, ao qual foi relegado pela historiografia da Arquitetura italiana, delineando o valor de uma figura de intelectual e de arquiteto complexa e articulada, além de difícil de ser enquadrada em seu âmbito histórico, cultural e político.

Nesse contexto crítico, a Escola de Matemática ocupa um papel decididamente importante e merece ser estudada não apenas em termos “figurativos”, com base em desenhos, projetos e imagens da época, mas também de modo direto, na construção hoje conhecida, ademais, em sua “íntima” consistência física.

O edifício é belíssimo, apesar das numerosas transformações sofridas e de um uso que, mesmo se vantajosamente perpetuado ao longo dos anos, resulta “quantitativamente” insustentável, para um edifício tão precioso e delicado. As transformações, ademais, continuam a ser feitas, mas ainda sem o necessário conhecimento científico, e conduzidas por uma oscilante e nem sempre límpida intenção de “elevá-lo” ao nível de monumento, sem, de fato, conseguir resultados concretos para sua conservação. Edifícios preciosíssimos para a história da Arquitetura italiana, e tão belos a ponto de atrair a atenção e curiosidade de estudiosos, nem sempre atraem, por outro lado, a merecida atenção no momento do restauro. Emerge de novo aqui a comparação com a experiência da

restauração do Pirelli, protagonista de vicissitudes, afortunadamente – e talvez de modo casual – muito diversas, que, infelizmente, são exceção à “normal” desatenção que caracteriza as intervenções em monumentos do século 20.

A Escola, portanto, demandaria estudos, pesquisas, levantamentos, análises comparativas e atenção técnico-científica dignos de um monumento antigo, além de um adequado suporte técnico-administrativo e econômico, condições indispensáveis, mesmo tendo em vista intervenções de pequena monta, aparentemente pouco incisivas, mas que, se feitas sem um programa geral e sem um aprofundado conhecimento material do existente, podem causar danos notáveis.

O início de um processo de estudo / reconhecimento / conservação / restauração parece hoje muito difícil, pelas razões apontadas e por causa da profunda crise por que está passando a cultura e a sociedade italiana, que, de variados modos, mostra não saber ou não querer investir em si mesma. São apresentados, a seguir, os resultados de uma pesquisa voltada ao conhecimento de algumas partes do edifício, que em breve serão objeto de uma intervenção³. A pesquisa continua à espera de tempos melhores e de uma abordagem mais ampla e completa.

GIO PONTI (1891-1979) E OS ANOS 1930

Gio Ponti nasce em Milão, em 18 de novembro de 1891, filho de Enrico Ponti e Giovanna Rigone. Apesar de suas paixões serem a pintura e o desenho, inicia os estudos de Arquitetura no Regio Istituto Tecnico Superiore de Milão, mas é obrigado a interrompê-los, para participar da Primeira Guerra Mundial; acabado o conflito, obtém, em 1919, o diploma de “arquiteto civil”, junto à escola de engenharia milanesa. Em 1920 se casa com Giulia Vimercati e, em 1932, ano em que se prepara para projetar a Escola de Matemática, já tem três filhos; em 1937, nascerá Giulio. [Fig. 1]

Fig. 1: Família Ponti em 1934, retratada por Massimo Campigli (Irace, 1988, p. 10).



Começa uma intensa atividade no desenho industrial, que levará adiante por toda a vida, e, em 1923 (até 1930), torna-se diretor da Manufatura Cerâmica Richard Ginori de Milão e participa da I Bienal de Artes Decorativas realizada na Isia de Monza, primeira experiência, seguida de outras em 1925, 1927 e 1933. Em 1926, inicia uma colaboração como industrial designer, com Venini e com Christofle, e, no mesmo período, trabalha com a firma Fontana, produtora de vidros artísticos, da qual é diretor artístico, entre 1931 e 1933⁴.

Em 1926, Ponti abre um escritório de Arquitetura com Mino Fiocchi e Emilio Lancia. Nos anos de colaboração com eles, Ponti projeta e realiza muitos edifícios importantes, quase todos em Milão. São, em geral, casas – a primeira na Rua Randaccio (1924-26) –, tema que é o fulcro da pesquisa arquitetônica de Ponti, nos anos 1920 e 1930. A 1931 remontam as primeiras *domus*, casas típicas que Ponti projeta para a burguesia médio-alta milanesa, realizando uma ideia do habitar que ultrapassa a residência e exprime, de fato, um modo de compreender a Arquitetura e seu papel estético, social, e cultural.

O encargo para projetar a Escola de Matemática na nova Cidade Universitária de Roma, por certo muito diferente pelo comitente e por tipologia dos precedentes, chega em 1932 e prosseguirá nos três anos sucessivos.

Em 1933, talvez durante a realização da casa Rasini em Milão, é interrompida a colaboração com Lancia e, provavelmente, Ponti trabalha sozinho nos projetos em curso naquele período.

Associando-se a Eugenio Soncini e Antonio Fornaroli, Ponti projeta e realiza outras casas típicas e trabalha em um dos encargos mais importantes daqueles anos: o edifício da Faculdade de Letras e a sistematização das salas do edifício central e da reitoria da Universidade de Pádua. Mas o projeto que o tornará mais conhecido para comitentes social e culturalmente proeminentes é de 1936, de Guido Donegani, para realizar a sede da sociedade Montecatini, no centro de Milão.

Nos mesmos anos, a atividade de Ponti diversifica-se e ramifica em diversos campos: desenha cenários e figurinos para o Teatro alla Scala, funda, em 1928, com Gianni Mazzocchi, a revista *Domus*, que dirige até morrer, com exceção de um breve período, entre 1941 e 1947, durante o qual funda e dirige *Stile*, outra revista refinada. Em 1936, ademais, Ponti é nomeado professor de Arquitetura de Interiores no Politécnico de Turim, depois no de Milão, encargo que mantém até 1961.

Esses anos de intensa atividade coincidem com a ascensão e afirmação do regime fascista. Sem dúvida, Ponti participa e contribui para a entrada do fascismo nas políticas culturais e arquitetônicas do país, mas mantém dele certa distância ideológica. Toma parte das iniciativas de difusão que confluem no Sindicato Fascista de Arquitetos, tornando-se membro do Conselho Nacional do Sindicato em 1933⁵ e, em 1936, membro da Comissão para os Littoriali di Architettura.

Nesse período, sua produção artística e arquitetônica é voltada aos temas ligados ao classicismo, próximos ao movimento *Novecento*, que se contrapõe ao racionalismo do *Gruppo 7*. Permanece autônomo na polêmica entre tradicionalistas e racionalistas italianos e cria um estilo próprio, que Edoardo Perisco, em 1934, definirá, de modo mais adequado do que outros, como “mediterrâneo”⁶. Ponti, ademais, distingue-se também por uma extraordinária constância e coerência na produção intelectual, artística e arquitetônica, mesmo evoluindo segundo o mudar da cultura e da tecnologia. Constância e coerência

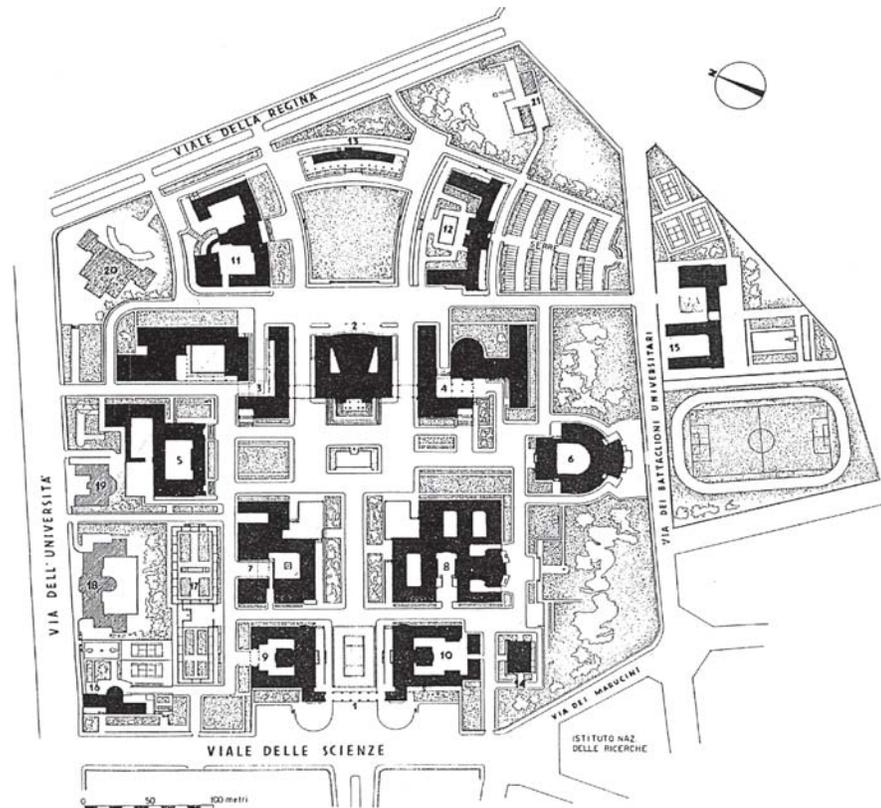
que derivam de sua sensibilidade artística e capacidade intelectual e, talvez, ainda, de uma intensa fé religiosa, mas também – e eventualmente sobretudo – do caráter otimista, incapaz de intransigências e sectarismos, e livre de preconceitos: crê no futuro e considera firmemente que só pode ser melhor do que o presente. É naturalmente aberto a todas as formas de colaboração artística, interativo por índole e criador de verdadeiras osmose culturais, testemunhadas também pelas revistas que dirige, *Domus* e *Stile*, verdadeiros “lugares de encontro” e de diálogo entre intelectuais.

Esse parece ser o fio condutor de todas as suas obras, também no que se refere à escola feita em Roma, uma obra que já propõe *in nuce* “cristal” e “forma finita”, antecipando aqueles princípios que Ponti enunciará nos anos sucessivos⁷.

À CONSTRUÇÃO DA CIDADE UNIVERSITÁRIA DE ROMA

As atribuições que acompanham a construção da Cidade Universitária de Roma, entre 1930 e 1935⁸, são complexas, problemáticas e profundamente entrelaçadas com a história do país e, certamente, do ponto de vista historiográfico, ainda não amadurecidas. Naqueles anos se aglutinam, com efeito, profundas transformações culturais na profissão de arquiteto, no ensino universitário, na transformação das grandes cidades italianas, especialmente de Roma, na política nacional e europeia, na estruturação político-institucional e cultural do país.

Fig. 2: Planta da cidade universitária de Roma (Architettura, fascículo especial, p. 3, 1935).



A área escolhida para a nova Cidade Universitária, adjacente ao hospital Policlínico, ademais de propriedade pública, aproximadamente retangular, configura-se de tal modo, que consentia uma implantação urbanística regular e simétrica. Mussolini atribui a gestão técnica, política e administrativa da operação *in totum* a Marcello Piacentini. Em sintonia com o projeto político-cultural de Mussolini, de evocar o fausto da antiga Roma pelo fascismo, Piacentini propõe uma implantação basilical, composta de uma via central cortada por um eixo transversal, com terminação curvilínea. Os doze edifícios universitários são escalonados ao longo dos eixos: Piacentini retém para si o projeto urbanístico e da reitoria, e atribui a dez jovens arquitetos os outros projetos. A Ponti, confere o projeto para a Escola de Matemática, situado na extremidade do eixo transversal, em posição de grande visibilidade.

As razões dessa escolha deixam margem a várias hipóteses, pois, diferentemente de outros jovens colegas, Ponti não pertencia às fileiras estilísticas tradicionalistas ou racionalistas da época, tendo uma versão interpretativa autônoma da modernidade. Ponti, ademais, era apreciado por Mussolini e por Piacentini (com o qual já tinha relações profissionais, de amizade e de estima recíproca), por ser diretor da *Domus*, ponto de encontro do pensamento intelectual da época, além de suas ligações com comitentes, industriais e de alto prestígio social, da Milão da época⁹.

A construção da Cidade Universitária foi iniciada em 1931, e sua inauguração ocorreu em 31 de outubro de 1935, apesar de os edifícios ainda estarem incompletos. [Fig. 2]

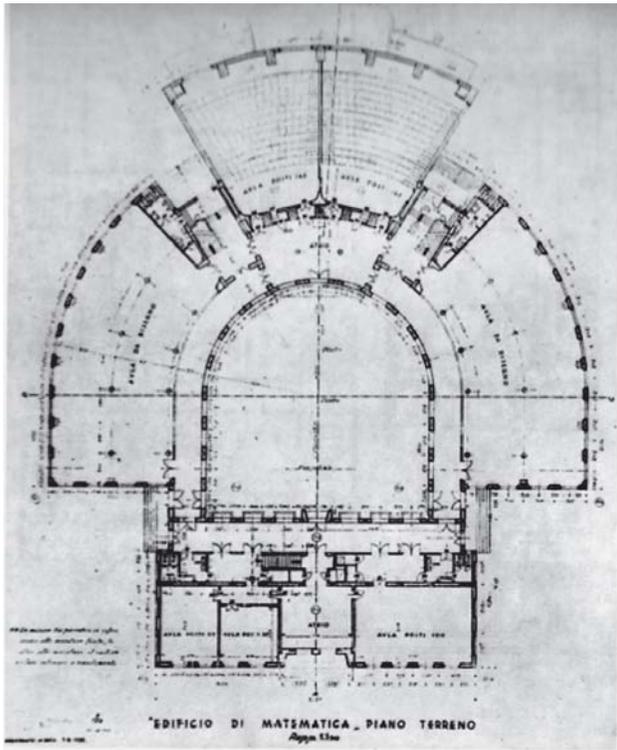


Fig. 3: Planta do pavimento térreo (ASSUR, Patrimônio Edilício, 1935).

O PROJETO PARA A ESCOLA: UMA “CASA PARA A MATEMÁTICA”

O encargo para projetar a Escola de Matemática foi atribuído formalmente a Ponti, em julho de 1932. Piacentini, no entanto, já havia entrado em contato e encontrado os projetistas, em abril daquele ano¹⁰; em agosto, os projetistas se encontraram em Roma, pouco antes de entregar os projetos a Piacentini, que os havia pedido até o final de setembro. No entanto os documentos mostram que o projeto da Escola prosseguiu muito além daquela data e depois do início da construção, em fevereiro de 1934, prolongando-se até outubro de 1935 e empenhando Ponti na definição e na modificação de vários aspectos construtivos, arquitetônicos, e na escolha dos materiais. Ademais, pode-se verificar que nenhum dos desenhos e das numerosas variantes conservadas nos arquivos corresponde ao edifício construído¹¹. [Fig. 3]

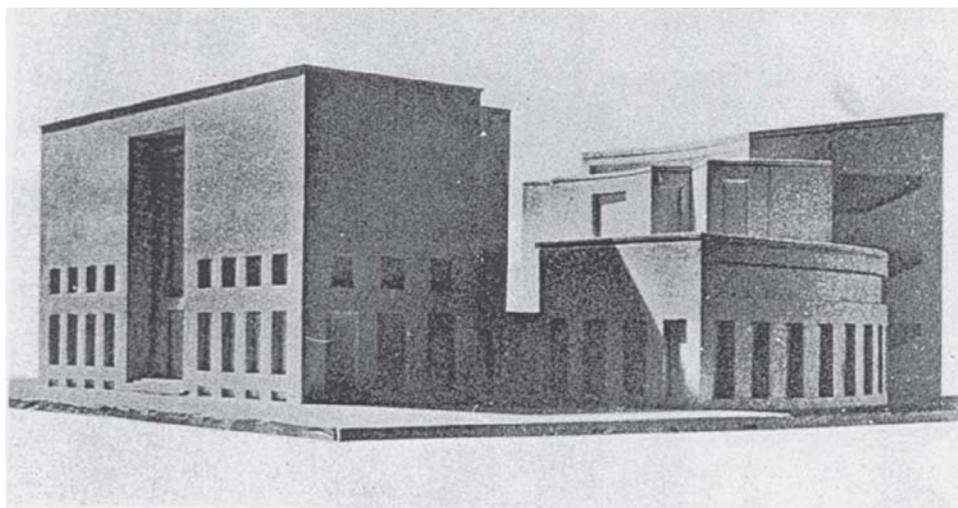
Como para os outros edifícios universitários, o projeto para a Escola foi adequado com base nas exigências de distribuição, espaciais,

didáticas e de pesquisa em matemática da época, e definido por Ponti depois de ter consultado o professor mais antigo, Guido Castelnuovo, e o mais jovem, Enrico Bompiani¹². Consistia de quatro salas de desenho, outras tantas salas com desnível, duas com 162 lugares e duas com 450 lugares, várias salas com 50/100 lugares, uma biblioteca, sala de professores, sala do conselho e pátio interno.

Apesar de alguns requisitos projetuais terem sido impostos por Piacentini – entre os quais, a uniformidade e simplicidade das fachadas, a escolha dos materiais a serem empregados, o recurso aos elementos arquitetônicos modernos – , Ponti teve liberdade de agir com maior independência, fato que permitiu a realização de um edifício harmonioso, diferente das linhas monótonas e abstratas dos volumes dos outros edifícios da Cidade Universitária¹³. O projeto, desde sua primeira concepção, previa uma articulação planimétrica constituída por três corpos justapostos, diferentes na forma e dimensão, correspondentes às três funções a serem abrigadas: para a pesquisa em matemática, biblioteca e salas dos professores, um volume prismático voltado ao espaço público; para o ensino de geometria, dois volumes curvilíneos, dispostos em torno do pátio interno; para as atividades didáticas de matemática, grandes salas escalonadas, dispostas em três níveis, de modo a formar uma “torre”. As superfícies eram revestidas com materiais diversos: tijolos litocerâmicos para o edifício principal, placas quadradas de travertino para a fachada, e argamassa clara para os outros volumes; as aberturas, por sua posição, configuração e dimensão, mostravam, no exterior, a distribuição espacial interna, e possibilitavam uma leitura fluida e contínua, de modo a permitir a visão, de um bloco para outro e do interior para o exterior. Composição, geometria, proporção são, portanto, “cristalinas”, fáceis de ler e distinguir, mesmo se complexas em sua articulação espacial e em sua inter-relação. A fluidez espacial e visual era certamente possível, pelo recurso a uma estrutura de concreto armado – projetada em colaboração com o engenheiro Zadra –, e constituída por um reticulado de vigas e pilares com fundação sobre estacas, que foi amplificada por uma atenta e refinada composição, tendo, ao centro, o pátio, espaço centrípeto e centrífugo e fulcro dos raios visuais que atravessam o edifício. [Fig. 4]

Nesse contexto, a biblioteca representa um dos espaços de maior valor do edifício. Pensada por Ponti como ambiente com altura tripla, constava de uma

Fig. 4: Foto da maquete do projeto, de c. 1934, hoje não mais encontrável (Capitolium, Roma, n. 12, p. 598, 1933).



grande sala, iluminada por uma abertura vertical colocada no centro da fachada principal, que unia os três níveis, e por uma abertura horizontal colocada na cobertura, ao longo de toda a sua extensão; de resto, as paredes eram inteiramente revestidas por estantes acessíveis por três níveis de patamares. A grande abertura na fachada era decorada por vidraria colorida, que permitia a entrada de uma luz modulada e variável (por vezes, até mesmo ofuscante, a ponto de exigir uma pesada cortina), enquanto o lanternim da cobertura era constituído por um volume saliente, coberto por abobadilha pré-fabricada com formas de concreto associadas a tijolos de vidro e caixilhos laterais pivotantes, banhando o interior com uma luz natural difusa. Os efeitos espaciais e de iluminação faziam, portanto, um grande efeito. [Fig. 5]

Conduzida, talvez, de modo individual, no momento em que se interrompe a colaboração com Lancia, o projeto e a realização da Escola marcam uma virada importante na produção de Ponti, que passa de um classicismo milanês a uma manifesta modernidade, voltada à ideia da Arquitetura como cristal. Isso não impede que, no projeto para a Escola, Ponti recorra a elementos linguísticos que pertencem à expressividade de outras obras suas, mas aqui declinados segundo uma diversa composição tecnológica e material. Basta pensar na cornija que coroa o volume principal, constituída por uma balaustrada de concreto moldada em canteiro, com acabamento superior de travertino – presente, em diversas versões, no edifício romano Salvatelli, no primeiro edifício Montecatini de Milão e na clínica Columbus de Milão –, assim como o lanternim de vitrocimento da biblioteca, reapresentado em forma “tecnologicamente evoluída”, no primeiro edifício Montecatini. Mas é na grande vidraça que ornamenta a fachada que se demonstra o grande entrelaçamento cultural estabelecido entre os artistas ativos naqueles anos e o papel que em sua produção tiveram os materiais novos ou feitos de maneira inovadora, como o vidro. Ponti, com efeito, propõe um elemento – a vidraça decorada –, que será reposto na sistematização da Mostra Internacional da Imprensa Católica no Vaticano, em 1935, e no edifício da reitoria da Universidade de Pádua, de 1933-1934. As duas, assim como a vidraça da Escola de Matemática, foram todas realizadas pela Fontana Arte. Encontram, ademais, paralelo iconográfico e técnico direto com a realizada, em 1932, pela

Fig. 5: Lanternim que ilumina a sala de leitura da biblioteca, visto de baixo
Foto: S. Salvo.





Fig. 6: O edifício, logo após a conclusão (Architettura, Milão, fascículo especial, p. 46, 1935)

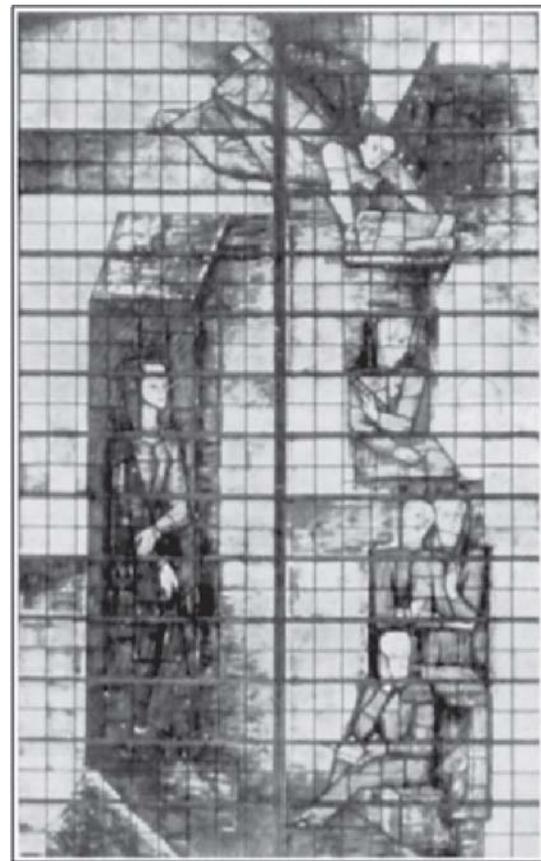


Fig. 7: Fachada principal do edifício em 1935 (Architettura, Milão, fascículo especial, p. 45).

Figura 8: Lyon, Bron, Universidade Lyon II, 1969-1972, arquiteto Robert Dottelonde. Foto: G. Monnier, 1974.



Figura 9: Toulouse, Universidade Toulouse Le Mirail, 1961-1971, arquiteto Georges Candilis. Planta esquemática.



Fontana Arte, a partir de desenhos de Mario Sironi, para o átrio do edifício das Corporações, na via Vêneto, em Roma, edifício projetado por Piacentini e Giuseppe Vaccaro entre 1928 e 1932, cujo átrio, ademais, Ponti estava decorando com cerâmicas Ginori. Entre esta última e a vidraça desenhada por Ponti para a Escola, existem importantes relações figurativas, cromáticas e técnicas, que reforçam as *liaisons* culturais, ainda inteiramente a serem exploradas¹⁴.

A REALIZAÇÃO DA OBRA¹⁵

A Escola de Matemática, juntamente com o edifício da Química, de Pietro Aschieri, entram no lote IV das obras de realização da Cidade Universitária, o último a ser iniciado, em 1934, por causa do atraso na expropriação das áreas onde seriam construídos os edifícios e por problemas ligados às características do terreno, que impuseram mudanças substanciais na realização das estruturas de fundação. [Fig. 6]

Em 21 de abril de 1935, dia da inauguração, o edifício está concluído nas partes essenciais, as visíveis para o cortejo que atravessa a Cidade Universitária, mas não completamente acabado, uma vez que o fornecimento de materiais e as obras prosseguem além daquela data, e Ponti continua a trabalhar, “ajustando” o projeto. Em relação aos desenhos de 1935, o edifício construído apresenta diferenças: no revestimento da fachada, feito de placas de travertino, com juntas alinhadas; no previsto revestimento litocerâmico, que caracteriza apenas a parte posterior da construção principal, enquanto a argamassa é aplicada em outras superfícies menos visíveis. A escolha de materiais excepcionais, como o branco de Carrara e o negro Itália para o átrio de entrada, é determinada com a obra em andamento, constituindo um deliberado fornecimento “irregular”, enquanto os pisos dos ambientes que não eram de representação são em placas de granilite cinza-esverdeado, de travertino ou de linóleo; para a caixilharia, por outro lado, recorre-se a vários materiais, como a madeira, o ferro e o anticorodal¹⁶. [Fig. 7]

Entre os vários aspectos e vicissitudes que acompanharam a construção da Escola, a realização da vidraça da fachada principal e a do lanternim também têm particular interesse, a primeira pelo fato de ter sido destruída e, agora, poder ser lembrada somente por fotografias da época¹⁷, e o segundo deixa numerosas dúvidas sobre o tipo de construção e sobre as modificações que poderiam ter ocorrido durante sua realização. [Fig. 8]

Enquanto alguns documentos mencionam a instalação da vidraça – e os problemas relacionados às infiltrações de água que logo ocorreram¹⁸ –, não há documentação técnico-administrativa, projetual ou contábil que ateste a construção do lanternim da biblioteca. Nos desenhos de Ponti, até mesmo os que remontam a 1935, os mais detalhados e próximos da obra realizada, o lanternim está desenhado de modo apenas esquemático, como volume fechado na parte superior por uma cobertura plana de vitrocimento, diversa daquela construída. Também nesse caso, os documentos do Cerur atestam a existência de infiltrações, tanto que a obra não foi paga à empresa Adriani, executora das obras de alvenaria, que não deixou de se queixar aos comitentes. A essas queixas, somam-se ainda outras – como as de Ponti, que, em junho de 1937, teve de solicitar ao Reitor o pagamento de sua última parcela¹⁹ –, que deixam entrever as dificuldades econômicas em que estava o Consórcio, que, com efeito, fez de tudo para adiar a liquidação de muitas obras ou, simplesmente, negou-se a pagá-las.

FORTUNA E DESVENTURA CRÍTICA DE PONTI E DE SUA ESCOLA

O sucesso do edifício foi imediato e amplo: até a Segunda Guerra Mundial, a Escola de Matemática foi considerada uma das sedes universitárias modernas mais belas da Itália e da Europa. Mas, a partir do pós-guerra, as publicações italianas excluíram Ponti e “sua” Escola de qualquer consideração. O edifício, a seguir, desaparecerá dos livros dedicados a Ponti após sua morte, ocorrida em 1979²⁰. Uma última menção pode ser encontrada no celebratório *Aria d'Italia. Espressione di Gio Ponti*, publicado em 1954, e na monografia de sua filha Lisa, não por acaso editado na Grã-Bretanha²¹. A fortuna de Ponti e da Escola, com efeito, sobreviverá mais no exterior, principalmente nos países de língua inglesa. Na Itália, o edifício, ao contrário, será ignorado, ou até mesmo objeto de uma explícita *damnatio memoriae*, reservada a essa e a outras obras-primas construídas durante o período fascista. Como tal, será deixada de lado, em especial pelos historiadores da Arquitetura de “escola romana” que, por várias razões, formarão uma decisiva resistência cultural contra qualquer produção arquitetônica próxima ao fascismo; entre eles, Bruno Zevi exercitará uma influência funesta sobre a leitura histórico-crítica da obra pontiana²².

Hoje, quarenta anos depois de sua morte, há uma crescente reapreciação de Gio Ponti e de muitas de suas obras, em especial as que remontam aos anos 1950 e 1960, mas não é possível dizer que a Escola tenha readquirido uma justa consideração. Permanece o fato de que, depois de anos de esquecimento, o início de um processo histórico-crítico de reconhecimento fundamentado em bases científicas e historiográficas permanece enredado em vários obstáculos e dificuldades, entre elas, a análise da relação entre Ponti e a ideologia cultural do fascismo, operação já feita em relação a outras figuras de relevo na produção arquitetônica italiana do século 20²³, que mostrou toda a dificuldade desse percurso.

Acrescentam-se, ainda, outras questões que induziram a deixar de lado a Escola, ligadas também à falta de clareza histórico-crítica com que é analisado o estilo pontiano dos anos 1930, período historiograficamente menos “resolvido” de sua produção, não mais do “clássico” (casas típicas), mas não ainda “moderno” (primeiro edifício Montecatini). Desse modo, com base numa leitura exclusivamente figurativa e indireta, a escola é definida como “*o edifício mais original da Cidade Universitária e uma espécie de interpretação romana do ‘neoclassicismo’ milanês, com uma alusão, na parte posterior, ao léxico racionalista*”²⁴; mas, também, “*um dos edifícios mais interessantes, talvez aquele que, mais do que os outros, é capaz de exprimir a ambiguidade e as oscilações da pesquisa arquitetônica daqueles anos na Itália*”²⁵; ou, ao contrário, tão insignificante, a ponto de não ser nem ao menos considerado entre as obras dos anos 1930²⁶. Pesa, ainda, a paternidade “híbrida” da obra, pois Ponti é reconhecido como autor do projeto, mas, segundo alguns, constringido pelos condicionamentos piacentinianos e afastado da construção, que foi confiada a outros. São convicções que hoje devem ser refutadas, com base numa leitura mais acurada dos documentos de arquivo e do edifício construído.

Numa avaliação mais ampla sobre Ponti, não deverá ser excluído o peso dos aspectos humanos e de caráter do homem que Gardella descreve como “*aberto, de vitalidade exuberante, generoso para com os outros e em particular com os jovens [...]. Com Ponti não se sentia jamais a diferença de idade e eu o recordo como um caro amigo que me deixou uma grande lição de amor pela Arquitetura*

[...]. Além da amizade, creio que deva ser relida numa perspectiva histórica a vasta produção arquitetônica de Gio Ponti (as obras realizadas ou projetadas) para colocar sob uma luz justa a figura de um arquiteto que teve papel importante na cultura arquitetônica italiana do século que está para terminar”²⁷.

Permanece o fato de que o estado de conservação material em que está hoje o edifício não é reconfortante: apesar de ser protegido pela lei de tutela dos monumentos desde 1989, e a despeito daquilo que foi escrito²⁸, os organismos institucionais e de direção da Sapienza, os usuários e a opinião pública ainda não reconheceram efetivamente seu valor como monumento.

ACRÉSCIMOS, MODIFICAÇÕES E ALTERAÇÕES DE 1935 ATÉ HOJE: UM BALANÇO “MATERIAL”

As primeiras modificações no edifício foram feitas imediatamente após sua construção. Já em 1935, os documentos mencionam uma “sobre-elevação”, realizada pelo próprio Ceruri [Fig. 9]. Em 1940, a parte oriental foi destinada ao Instituto Nacional de Alta Matemática (Indam), e as grandes salas foram subdivididas em pequenos escritórios; nos anos sucessivos, o Instituto substituirá “autonomamente” os caixilhos originais, por outros de alumínio anodizado. Em 19 de julho de 1943, durante o bombardeio do bairro de S. Lourenço, uma bomba atingiu a Cidade Universitária, danificando o Edifício da Química, de Pietro Aschieri, e despedaçando a preciosa vitraça da fachada da Escola de Matemática. A caixilharia foi mantida, mas os vidros foram substituídos logo depois de 1943 e, de novo, nos anos 1990, pelo Escritório Técnico da Universidade. [Fig. 10]



Fig. 9: Principais modificações arquitetônicas ocorridas após 1935
Elaboração: Pomante.

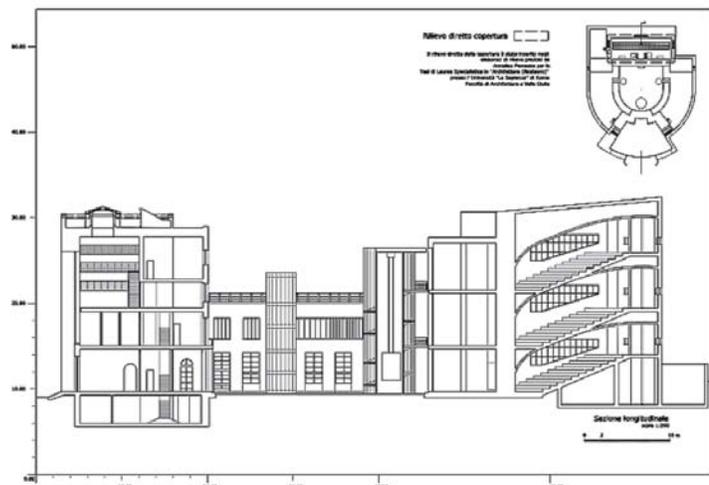


Fig. 10: Corte longitudinal do edifício, desenho de levantamento
Elaboração: S. Salvo, 2012.

Com o tempo e com a ocorrência de várias transformações, institucionais ou não, que ocorreram na Universidade e em suas obras arquitetônicas, o edifício sofreu numerosas e desastradas transformações. Mesmo tendo conservado sua função de origem, passou por contínuas modificações, para adequar suas estruturas ao consistente aumento do número de estudantes, às mudanças nas características da didática e da pesquisa, de modo que, hoje, não se percebem os benefícios do fato de ter mantido a função de origem²⁹.

Um exemplo dramático das consequências dessas mudanças é visível na biblioteca. O aumento dos usuários, com efeito, sobrecarregou e alterou o uso dos espaços, atingindo espaços “funcionalmente frágeis”, como o chamado átrio dos professores (definição indicada por Ponti), situado no primeiro pavimento e antes incluído na biblioteca. A 1954, remonta a redução da tripla altura que caracterizava o espaço central da sala de leitura, composta pela sobreposição do átrio e da sala de leitura, que ocupava dois níveis. A altura foi reduzida, com a inserção de um piso que isolava o átrio e permitia formar duas salas. Dessas interferências, ressentia-se a estruturação espacial do edifício principal, ali interrompido num ponto nevrálgico, e também a fachada, pois aquele “corte” era bastante evidente e legível também do exterior, através da vidraça. [Fig. 11]

Fig. 11: Sala de leitura da biblioteca, em 1935 e em 2011 (Edilizia Moderna, outubro 1935 – março 1936, p. 30; Foto: S. Salvo, 2011.



Fig. 12: O lanternim da biblioteca, com a estrutura metálica e vidro, que se apoia sobre a abóbada de vitrocimento



Aos anos 1960, remonta a subdivisão das salas de aula para 450 lugares, em duas menores. A necessidade de ampliar e modificar as superfícies para a didática levou, em 1974, à construção de dois volumes, colocados nas laterais do edifício, obstruindo a descontinuidade entre fachada e alas e os originários ingressos laterais; pelas mesmas razões, em 1978, foram subdivididas as salas de desenho, que haviam permanecido íntegras.

Entre as transformações mais danosas, devem ser recordadas as intervenções dos anos 1980, para a adequação às normas de segurança, prevenção contra incêndio, acessibilidade e para a eficiência energética, que resultaram na substituição de muitos caixilhos, na perda das janelas *thermolux*, no fechamento dos parapeitos das aberturas voltadas ao exterior, no acréscimo de rampas no exterior, para pessoas com dificuldade de locomoção, e de escadas de evacuação no pátio, além da instalação, invasiva e deletéria, de cabos e instalações, nos interiores e sobre as coberturas.

De meados dos anos 1990, por sua vez, é a instalação de uma cobertura “provisória”, sobreposta ao lanternim da biblioteca, para impedir a infiltração de água nas juntas entre concreto e vidro. [Fig. 12]

Entre as últimas intervenções, deve ser recordada a substituição, em 2002, dos caixilhos da torre, por outros novos, similares aos originais, mas com vidros duplos e opacos. Por fim, em época não precisada, é feita a pintura vermelha das superfícies externas argamassadas, que altera a leitura da volumetria do edifício, originariamente de cor clara.

Deve ser dito, no entanto, que – como ocorre com muitas obras arquitetônicas do século 20 – a perda de “autenticidade” material do edifício é, apesar de tudo, discreta: a desvalorização de seu prestígio histórico resultou em poucos meios para sua manutenção (reduzida ao mínimo indispensável e a necessidades urgentes), que, ademais, consistiu mais em acréscimos pouco incisivos, do que em remoções e demolições (com exceção dos caixilhos, que pagaram o preço mais alto das adequações).

Uma primeira modificação consciente, que antecipa uma abordagem crítica, consistiu na remoção do vedado que fechava a passagem entre a sala de leitura e a reserva da biblioteca, reabrindo o eixo visual, espacial e luminoso que atravessa o edifício e vai além dele. A essa ação, seguiu-se a remoção da parede divisória que separava o antigo átrio dos professores, hoje legível em sua unidade, e a inserção de um caixilho envidraçado entre a vidraça e a laje, acrescentada nos anos 1950, que, pelo menos, permite reler a continuidade da grande abertura.

OS PROBLEMAS DE CONSERVAÇÃO: ENTRE CONTINUIDADE DE USO E RECONHECIMENTO DE VALOR

Deve ser reiterada aqui a necessidade de elaborar, o mais rapidamente possível, estudos filológico-científicos, que oferecerão, por fim, uma leitura orgânica, precisa e completa do monumento, sobre os quais elaborar um projeto abrangente para obras de conservação e restauro. No contexto de grandes transformações por que estão passando as universidades italianas – e a Sapienza de Roma –, poder contar com um programa de intervenções, escalonadas segundo necessidade e urgência, permitiria enfrentar, de modo mais sereno, um futuro, hoje, bastante incerto.

Entre os numerosos problemas de conservação, colocados pelo monumento e por sua difícil convivência com uma função cada vez mais opressiva, serão tratadas as questões relativas às coberturas e ao lanternim da biblioteca, objeto de uma intervenção de manutenção extraordinária, num futuro próximo.

Privadas por anos de uma necessária manutenção, as coberturas trouxeram preocupação pelas numerosas infiltrações de água verificadas, em especial nas juntas com os guarda-corpos e com os lanternins – grandes e pequenos – que iluminam a sala de leitura e a reserva de livros. Submetidas a uma manutenção, há cerca de vinte anos, as coberturas tiveram, no entanto, novas infiltrações e desprendimentos de partes de cimento e vidro; ademais, a cobertura provisória sobre o lanternim, realizada com ferro e vidro, apoiada diretamente no extradorso da estrutura, resultou em graves danos, e, sendo bastante visível também da rua, lesa a imagem do monumento. O lanternim, ademais, tem um valor construtivo e tecnológico intrínseco, e desempenhava importante função arquitetônica, luminotécnica e termodinâmica na biblioteca, pois garantia iluminação natural e ventilação, funcionando como uma verdadeira chaminé, funções hoje perdidas, com sua cobertura e a obstrução dos caixilhos pivotantes. A remoção da estrutura de proteção é, portanto, urgente, mas deve ser substituída por outro dispositivo, que proteja e conserve o antigo lanternim. A operação, ademais, seria uma ocasião formidável para abrir um pequeno “canteiro de estudos”, que permita explorar essa parte do edifício. [Fig. 13]

Se bem que, *a priori*, não seja possível antever o atual estado de conservação dos materiais e dos elementos construtivos, podem ser elencadas algumas medidas voltadas à limpeza e à proteção da superfície do lanternim e a sua conservação: remoção das partes soltas de cimento e de vidro, eventual substituição dos tijolos de vidro quebrados e irrecuperáveis, preenchimento das descontinuidades com materiais previamente testados, proteção do extradorso e recuperação da movimentação dos caixilhos. Entre as operações citadas, a que traz mais dúvidas é a substituição – ainda que parcial e reduzida ao mínimo – dos materiais e elementos construtivos, hoje não mais em produção e dificilmente reproduzíveis (como os elementos moldados de vitrocimento), como também recorrer a consolidantes e protetores ainda não experimentados em materiais do século 20.



Fig. 13: Simulação tridimensional da situação da cobertura do edifício no estado atual (a), e depois da remoção do teto que cobre o lanternim (b).

Elaboração: Salvo-Di Lorenzo.

Tendo em vista o início próximo das obras, e à luz daquilo que foi observado da condição atual, é útil, por fim, determinar quais características gerais deve ter a nova proteção do lanernim: não deverá apoiar-se sobre ele, produzir efeito estufa ou permitir infiltração de água, nem possibilitar a nidificação de pássaros ou a proliferação de vegetação, e tampouco ser visível do exterior do edifício; mas deverá, certamente, ser translúcida, econômica, reversível e passível de manutenção.

Seria uma “pequena intervenção para um grande monumento”, que, porém, se sustentada institucionalmente pela Universidade, em nível técnico, administrativo e de gestão, revelaria uma verdadeira e sincera compreensão do valor do edifício e uma consciência cultural ainda não demonstrada.

NOTAS

- ¹ Entre as contribuições mais completas sobre o tema, ver: MORNATI, S. L'edificio della scuola di matematica di Gio Ponti alla città universitaria di Roma, *Bollettino Unione Matematica Italiana*, Bologna, n. 5(1), p. 43-71, 2002 (que inclui os textos precedentes sobre o mesmo tema). Uma bibliografia completa pode ser encontrada em: CERUTTI FUSCO, A. La Scuola di Matematica nella città Universitaria di Roma. Opera dei primi anni Trenta di Giovanni (Gio) Ponti 1891-1979: alcune riflessioni. In: FRANCHETTI PARDO, V. (org.). *L'architettura nelle città italiane del 20 secolo. Dagli anni Venti agli anni Ottanta*. Milano: Jaca Book, 2003, p. 103-120. No mesmo volume, ver ainda: BARDATI, F. La Scuola di Matematica di Gio Ponti: i materiali e la qualità dello spazio interno, p. 175-181.
- ² SALVO, S. Il restauro del palazzo Pirelli: echi e risonanze, *Confronti*, Roma, v. VIII, n. 1, p. 99-113, 2009.
- ³ O estudo, iniciado em 2010, é de responsabilidade da Scuola di Specializzazione in Restauro dei Beni architettonici e del Paesaggio, da Università degli Studi di Roma “La Sapienza”, a partir de pedido do Departamento de Matemática.
- ⁴ FALCONI, L. *Fontana Arte. Una storia trasparente*. Milano: Skira, 1998.
- ⁵ NICOLOSO, *op. cit.*, p. 149-185.
- ⁶ PERSICO, E. Giovanni Ponti, *L'Italia Letteraria*, Roma, 29 de abril de 1934. Pode ser consultado em: BRUNETTI, F. *Architetti e fascismo*. Firenze: Alinea, 1993, p. 248-249.
- ⁷ PONTI, G. *Amate l'architettura, l'architettura è un cristallo*. Genova: Vitali e Ghianda, 1957, p. 68-69.
- ⁸ A construção da Cidade Universitária de Roma foi estabelecida por Decreto Real de 4 de novembro de 1930. Em 1932, é constituído o CERUR (Consórcio para a Edificação da Real Universidade de Roma), dotado de máxima autonomia e de um orçamento de 70 milhões de liras.
- ⁹ BARUCCI, C. Tra razionalità e classicismo. In: DAL FALCO, F. (org.) *Stili del Razionalismo. Anatomia di quattordici opere di architettura*. Roma: Gangemi, 2002, p. 123-127.
- ¹⁰ A carta de Piacentini é de 14 de abril de 1932. A esse respeito, ver: REGNI SENNATO, M. La costruzione della città universitaria 1932-35. In: *1935-1985. La 'Sapienza' nella città universitaria*. Roma: Multigrafica, 1985, p. 43-47.
- ¹¹ Os desenhos estão conservados no Arquivo Histórico da Sapienza, Universidade de Roma (Archivio Storico di 'Sapienza' Università di Roma - ASSUR), nos fundos *Patrimônio edificado* e *CERUR*, e remontam a: 18 de dezembro de 1933, 17 de março de 1933, 4 de janeiro de 1934, 17 de janeiro de 1934, 21 de fevereiro de 1934, 24 de março de 1934, 22 de maio de 1935 e 12 de junho de 1935. A autora agradece à arquiteta Carla Onesti, responsável pelo ASSUR, pela disponibilidade e simpatia demonstrada durante a pesquisa.
- ¹² Numa carta de maio de 1932, foi marcado um encontro entre Ponti, Castelnuovo e Bompiani, para avaliar as exigências do Instituto [ACStato (Archivio Centrale dello Stato), PCM, 1934-1936, fasc. 5-1, 2866/2].
- ¹³ MELIS, A. La Scuola di Matematica alla Regia Università di Roma, *L'Architettura italiana*, Roma, p. 172, agosto de 1936.
- ¹⁴ LUX, S. L'Italia tra le Arti e le Scienze nella Sapienza Università di Roma: l'artista Mario Sironi, l'architetto Marcello Piacentini e il dittatore Benito Mussolini. In: CIUCCI, G; LUX, S.; PURINI, F. (orgs.) *Marcello Piacentini architetto 1881-1960*. Roma: Gangemi, 2013.

- ¹⁵ O estudo dos documentos feitos pelo CERUR permitiu reconstituir as fases da construção da Escola, também apoiados em: MITRANO, I. *La Sapienza 1932-1935. Arte, architettura e storia*. Roma: Università Sapienza Editrice, 2007. Os resultados desta pesquisa serão publicados pela autora proximamente.
- ¹⁶ Anticorodal é a denominação de ligas de alumínio que podem conter elementos como magnésio e cobre, com boa resistência mecânica e à corrosão, muito utilizadas para caixilhos. (N. da T.)
- ¹⁷ Uma imagem da vidraça pode ser vista na capa de *Domus* (n. 98, 1936) e na p. 229 de *Rassegna*, de junho de 1936.
- ¹⁸ ASSUR, CERUR, b. 15.
- ¹⁹ ASSUR, CERUR, b. 45, carta de 9 de junho de 1937.
- ²⁰ *Aria d'Italia. Espressione di Gio Ponti*. Milano, s.e., 1954 (cita o edifício); LICITRA PONTI, L. *Gio Ponti. The Complete Work 1923-1978*. London: Thames and Hudson, 1990; LA PIETRA, U. *Gio Ponti. L'arte s'innamora dell'industria*. Milano: Rizzoli, 1988, 1995, 2010; MIODINI, L. *Gio Ponti. Gli anni Trenta*. Parma: Archivi del progetto, 2001; ROMANO, M. (org.) *Gio Ponti. A world*. London-Milano, 2002; IRACE F. *Gio Ponti*. Milano: Motta, 2009; *Espressione di Gio Ponti*, exposição e catálogo da Triennale de Milão, maio a julho de 2011; *Domus*, número monográfico (n. 911), 2002.
- ²¹ LICITRA PONTI, L., op. cit., p. 67-69.
- ²² Ver: ZEVI, B. *Sterzate architettoniche. Conflitti e polemiche degli anni settanta-novanta*. Roma: Dedalo, 1992. O autor associa Ponti (e Muzio) a uma cultura oportunista filofascista (p. 328), acusando-o de comportamento oportunista, voltado a garantir para si os favores da burguesia lombarda (p. 134), recorrendo a um “tranquilizador” classicismo estilizado (p. 349); mesmo considerando o edifício da Matemática entre os mais interessantes da Cidade Universitária, afirma que sua reabilitação exaltaria o nefasto fascismo (p. 333).
- ²³ Ver o recentíssimo: CIUCCI, Giorgio; LUX, Simonetta; PURINI, Franco (orgs.). *Marcello Piacentini architetto*. Roma: Gangemi, 2013.
- ²⁴ CIUCCI, G. *Gli architetti e il Fascismo: architettura e città 1922-1944*. Torino: Einaudi, 1989, p. 133.
- ²⁵ ROSSI, P. O. *Roma Guida all'architettura moderna 1901-1991*. Roma Bari 1991, scheda 47.
- ²⁶ “It all began with Montecatini. In 1936 Ponti built the prototype of modern Italian architecture in Milan: the Montecatini office building”, ROMANELLI, M. *Gio Ponti. A World*. Milano: Abitare Segesta, 2002.
- ²⁷ ARDITI, G.; SERRATTO, C. *Venti cristalli di Architettura*. Milano: Il Cardo, 1994, p. VII.
- ²⁸ 1935-1985. *La 'Sapienza' nella città universitaria*. Roma: Multigrafica, 1985.
- ²⁹ Em 1935, os estudantes inscritos na Sapienza eram 20.000; em 1985, 200.000; hoje são cerca de 115.500.

Simona Salvo

Faculdade de Arquitetura, Universidade Sapienza, Roma